

ORIGEM E PAPEL DAS CIÊNCIAS DO ESPÍRITO *

Gunter SCHOLTZ **

Fala-se ainda e quase por toda parte de uma crise das ciências do espírito. É possível perguntar, com certeza, se enquanto isso as ciências da natureza não se encontram em uma crise muito maior, colocando as ciências do espírito somente em uma crise financeira (via de regra, recebe de preferência financiamento o conhecimento que tem serventia para o domínio técnico da natureza). Seja como for, as ciências do espírito desempenham como de costume um papel defensivo. Por isso há atualmente na República Federal da Alemanha nova e viva discussão sobre a essência, a origem e a tarefa dessas ciências.

No que se refere à origem das ciências do espírito, três teses mostram-se primeiramente plausíveis:

a) elas são muito antigas, tão antigas mesmo como nenhuma outra disciplina científico-natural no âmbito do saber. Elas provêm da Antigüidade Grega.

b) Elas são bem novas, tão novas mesmo como os tempos modernos. Elas nasceram no Humanismo, antes ainda das ciências modernas da natureza.

c) Elas são as ciências mais novas e tardias que se formaram somente como reação às ciências modernas da natureza, precisamente só no século XVIII e especialmente no século XIX.

Há ainda uma quarta tese que diz que as ciências do espírito nunca teriam existido, somente a sociologia e esta, no século XIX. Mas esta tese eu coloco entre parênteses, pois ela reduz excessivamente a variedade e a riqueza das ciências.

Para as três teses, então conhecidas, deixam-se apresentar os seguintes argumentos:

* Conferência. Título original: *Ursprung und Aufgabe der Geisteswissenschaften*. Tradução: Prof. Dr. Maria Nazaré de Camargo Pacheco e Amaral, do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

** Professor Doutor da Ruhr Universität Bochum. República Federal da Alemanha.

a) a primeira tese — as ciências do espírito provêm da antigüidade — é defendida pela história do conceito.⁽¹⁾ Esta mostra que na antigüidade grega o saber do mundo humano foi pela primeira vez claramente separado do saber do mundo natural. Assim, nas primeiras sistematizações do saber na antigüidade — na escola de Platão com Xenócrates — havia, ao lado da física como filosofia da natureza, a ética como filosofia do homem e de sua conduta. Como terceira disciplina figura a dialética ou lógica — no todo um esquema triplo da ciência que, devido a sua simplicidade e seu poder de orientação, foi acolhido até o século XX: o conhecimento do pensamento, o conhecimento da natureza e o conhecimento do homem e de seu mundo. Esta última parte do sistema chama-se ética na escola de Platão e por isso as ciências do espírito, que ocupam essa terceira posição no sistema, puderam ser conhecidas como éticas ou morais, ou ainda ciências histórico-éticas, conforme preferiu Ernst Troeltsch.⁽²⁾

Não se pode, todavia, invocar apenas a escola de Platão, mas também a de Aristóteles. Há também para este uma ciência do humano, do mundo não natural. Esta é a sua filosofia prática que se delimita da filosofia teórica, à qual a física pertence. Como ética, ocupa-se da conduta do ser singular e como política, trata da instituição da Polis, da cidade-estado. Esta tradição atua onde se fala das ciências do espírito enquanto "ciências moral-políticas", assim como faz, por exemplo, Dilthey em sua primeira fase.⁽³⁾ Gadamer também associa de modo estreito ciências do espírito à filosofia prática de Aristóteles. Na medida em que esta como aquela não possuem nenhum saber seguro, universal e necessário, mas só produzem a segurança, que a Phronesis aristotélica, a sabedoria prática e o senso comum oferecem.⁽⁴⁾

01. Sobre o conceito «Ciências do Espírito» veja Erich Rothacker: *Logik und Systematik der Geisteswissenschaften*, München 1926, Repr. Bonn 1947, S. 4-16, Alwin Diemer: *Geisteswissenschaften*. In: *Historisches Wörterbuch der Philosophie*, hg. von J. Ritter, Bd. 3 (1974) Sp. 211-215. Lutz Geldsetzer: *Die Geisteswissenschaften — Begriff und Entwicklung*. In: *Wissenschaftstheorie*, hg. von H. Rombach, Freiburg i.Br. 1974, S. 141-151.

02. Ernst Troeltsch relaciona-se com Schleiermacher que com o seu conceito de ética acolhe a tradição platônica e que, de um lado, faz apoiar as ciências do espírito na ética e, de outro lado, liga-a com a história. Troeltsch: *Der Historismus und seine Probleme*. Tübingen 1922, Neudr. Aalen 1961, S. 30 Anm. Gunter Scholtz: *Schleiermacher und die Geisteswissenschaften*. In: *Disjecta mebra. Festschrift für K. Gründer*, hg. von W. Schmidt-Biggemann, Basel 1989. Lá onde as ciências do espírito são conhecidas como «ciências morais» (Heinrich Ritter) ou são ligadas à moral (Odo Marquard), apoia-se o conceito mais amplo daquilo que é moral e que foi preparado na antigüidade e esteve presente até a ilustração. (Moral, moralisch, Moralphilosophie. In: *Historisches Wörterbuch der Philosophie* Bd. 6, 1984, Sp. 149ff.). As «entia moralia» foram tradicionalmente os objetos de mundo humano e as «entia physica» os do mundo natural.

03. Wilhelm Dilthey: *Über das Studium der Geschichte der Wissenschaften vom Menschen, der Gesellschaft und dem Staat* (1875). *Gesammelte Schriften* Bd. 5, S. 31.

04. Hans-Georg Gadamer: *Wahrheit und Methode*, Tübingen 1960, S. 297 ss.

Em resumo, quem localiza na antigüidade a origem das ciências do espírito insiste, via de regra, que as ciências do espírito são ou devem ser hoje, em essência, aquilo que elas foram na antigüidade.

b) Mas há além dessa tese outra, segundo a qual as ciências do espírito descendem do Humanismo.⁽⁶⁾ A essa tese sobre a origem dessas ciências corresponde também um conceito determinado dessas ciências. Pode-se tornar plausível essa segunda tese do seguinte modo:⁽⁶⁾ As ciências do espírito, isto é, em primeiro lugar e acima de tudo as disciplinas literárias no âmbito das artes liberais, a saber: gramática, dialética e retórica, disciplinas estas que se distinguem das do quadrivium que se relacionam com as coisas (res). O trivium amplia-se no Humanismo — e recebe um novo peso e um outro caráter: a lógica perde sua importância, explora-se o estudo da língua e leitura dos clássicos antigos. Estuda-se as fontes gregas, aprimora-se o latim e também os métodos filosóficos. Os professores do trivium, que agora não é mais um “caminho triplo”, promovem um saber de nenhum modo trivial, chamam-se “Humanistas” e com eles toma-se parte do “Estudo de Humanidades” ou “Humaniora”. Este estudo não é mais subordinado à Teologia e a simples preparação para as “Faculdades Superiores”, mas tem um fim em si mesmo, isto é, visa à formação cultural, à sabedoria, à prudência prática de vida, ao agir ético e político. O quadro da história cristã universal é ampliado, em parte descaracterizado e abandonado. O olhar dirige-se principalmente à antigüidade grego-romana, mas também à própria nacionalidade: as línguas romana e germânica são paulatinamente pesquisadas. Forma-se uma consciência clara da diferença entre ciências do espírito e da natureza, consciência essa que se evidencia, segundo Ernesto Grassi, no trabalho *Salutatis* sobre o conflito entre jurisprudência e medicina (1390).⁽⁷⁾ Aqui o conhecimento do direito e da justiça é contraposto ao conhecimento da natureza e da saúde do homem e a este anteposto.

As ciências do espírito são, então, essencialmente *Studia Humanitatis* fazendo recuar pela primeira vez a interpretação teológica do mundo, possibilitando o anúncio dos tempos modernos e com eles o despontar das ciências modernas da natureza. São como que as primeiras ciências seculares, que agradecem seu caráter profano à receptividade da Antigüidade grego-romana. Quem defende essa tese da origem das ciências do espírito tem também um programa: as ciências do

05. Ernesto Grassi/Thure von Uexküll: Von Ursprung und Grenzen der Geisteswissenschaften und Naturwissenschaften. München 1950. E. Grassi: Der Beginn des modernen Denkes. In: Geistige Überlieferung. Ein Jahrbuch 1 (1940) S. 36-84.

06. Veja também: Josef Dolch: Lehrplan des Abendlandes. 3. Aufl. Repr. Darmstadt 1982, S. 176 ff. Paul Oskar Kristeller: Der italienische Humanismus und seine Bedeutung. Basel 1969. August Buck: Der Wissenschaftsbegriff des Renaissance-Humanismus. In: Wolfenbütteler Beiträge 2, hg. von P. Raabe. Frankfurt/M. 1973, S. 45-63.

07. Coluccio Salutati: De nobilitate legum et medicinae (1390), hg. von E. Garin, Florenza 1947.

espírito como ciências específicas dos Tempos Modernos precisam permanecer fiéis ao espírito do Humanismo, se elas não quiserem perder sua essência e falhar em sua tarefa.

c) A terceira Tese⁽⁸⁾ aproxima o início das ciências do espírito ainda mais do presente: elas seriam as ciências que só teriam nascido depois do triunfo das ciências matemáticas da natureza e com o advento da sociedade moderna. O objeto dessas ciências é o mundo especificamente humano, que é deixado de lado pelas ciências naturais as quais são orientadas por métodos cartesianos e por um ideal próprio de ciência. As ciências do espírito devem ser compreendidas como resposta a uma ruptura de época: a sociedade moderna fundamentada no domínio da natureza e na destruição da hierarquia social volta-se para as ciências do espírito, no sentido de encontrar os sistemas históricos de orientação a sua altura (Joaquim Ritter). Também esta tese, mais conhecida e com frequência discutida, conta com o apoio de vários fatos: com o assim chamado irromper do pensamento histórico no século XVIII e seu conceito de desenvolvimento e individualidade, com o nascimento da filosofia da história e com a nova metodologia da pesquisa e compreensão históricas, além do estabelecimento de novas disciplinas nas Universidades: filologia autônoma clássica, filologia nova, história da arte, história da música etc. . .

As ciências do espírito são, de acordo com essa interpretação, essencialmente ciências históricas que devem trazer à lembrança aquilo que no processo histórico ameaça apagar-se. Elas mantêm vivas interpretações da existência e normas de orientação da conduta humana que na sociedade moderna, sem amparo das ciências institucionalizadas, perder-se-iam, apesar de serem utilizadas, a saber, primeiro para a realização e enriquecimento da existência individual e indiretamente para a estabilidade da sociedade que, diretamente, se apóia só nas ciências matemáticas da natureza, sociologia e direito geral.

As três teses sobre a origem das ciências do espírito estão ligadas a três conceitos das mesmas que desempenham, hoje no conjunto com outros, um papel importante:

- as ciências do espírito como “ciências ético-políticas”,
- as ciências do espírito como “ciências humanísticas”, como estudo de humanidades e do homem.

Sem dúvida, esses três conceitos não se encontram rigidamente separados. Eles se cruzam em seu significado. Mas cada um deles acentua fins diferentes e colocam diferentes disciplinas na posição central.

08. Joachim Ritter: Die Aufgabe der Geisteswissenschaften in der modernen Gesellschaft (1963). In: J.R.: Subjektivität. Frankfurt/M. 1974, S. 105-140. Odo Marquard: Über die Unvermeidlichkeit der Geisteswissenschaften (1985). In: O.M.: Apologie des Zufälligen. Stuttgart 1986, S. 98-116.

a) Quem, voltado para a filosofia antiga, define as ciências do espírito como ciências ético-políticas, afirma que elas assumem ou deveriam assumir o papel da filosofia prática de Aristóteles ou que elas se agrupam em torno da filosofia prática. De qualquer modo, relaciona-se em primeiro lugar com a orientação da ação na vida privada e pública. Quando Dilthey “funda as ciências do espírito nas exigências da vida prática” e admite como tarefa dessas ciências “a direção da sociedade”⁽⁹⁾, ou quando Karl Otto Apel as considera capazes de trazer para discussão idéias sobre a vida boa, a felicidade,⁽¹⁰⁾ movimentam-se ambos, então, ao redor desse conceito de ciências do espírito.

b) Quem as define como ciências a partir da tradição do Humanismo e, portanto, como *Studia Humanitatis*, as toma, principalmente, como ciências interpretativas que se submetem a um ideal de Humanidade provindo da Antigüidade e ressaltam a força presente da cultura antiga para a formação. Simultaneamente, restringem as interpretações teológicas e científico-natural do mundo e pressupõem a continuidade histórica entre Antigüidade e Tempos Modernos. No centro das disciplinas científicas do espírito, encontra-se a filologia antiga. (Essa avaliação das ciências do espírito encontra-se especialmente no círculo do assim chamado Terceiro Humanismo).⁽¹¹⁾

c) Quem estabelece as ciências do espírito como ciências históricas, denomina-as especificamente de ciências modernas as quais com métodos comprovados pesquisam e têm claramente presentes não somente o ideal lógico da antigüidade, mas também todas as orientações tradicionais e todo o passado, sob a pressuposição de uma história fundamentadora em constante mudança.⁽¹²⁾ No centro das disciplinas encontra-se em primeiro lugar a história geral do espírito ou da cultura.

Segue-se daí que todos os conceitos que temos das ciências conduzem-nos a diferentes teorias sobre a origem das mesmas ou, ao contrário, que a história da ciência produz diferentes conceitos de ciência: todos

09. Wilhelm Dilthey: *Einleitung in die Geisteswissenschaften* (1883). *Gesammelte Schriften* Bd. 1, S. 4, 378.

10. Karl-Otto Apel: *Das Kommunikationsapriori und die Begründung der Geisteswissenschaften*. In: *Wissenschaftstheorie der Geisteswissenschaften*, hg. von R. Simon-Schaefer und W. Ch. Zimmerli. Hamburg 1975, S. 23-55. Cf. Jürgen Habermas que classifica o interesse «prático» como o interesse diretor do conhecimento. *Erkenntnis und Interesse*, Frankfurt/M. 1968, bes. S. 222.

11. A compreensão desse Humanismo, essencialmente fundamentado por Werner Jaeger articulou-se especialmente na jornada para ciência da antigüidade clássica de Naumburg. Werner Jaeger (Hg.): *Das Problem des Klassischen und die Antike*. Stuttgart 1933, Neudr. 1961.

12. Este aspecto é salientado especialmente por Herman Lübbe: *Über den Grund unseres Interesses an historischen Gegenständen, Kulturelle und politische Funktionen der historischen Geisteswissenschaften*. In: H. Flashar, N. Lobkowitz, O. Pöggeler (Hg.): *Geisteswissenschaft als Aufgabe. Kulturpolitische Perspektiven und Aspekte*. Berlin, New York 1978, S. 179-193.

os conceitos das ciências do espírito são história sedimentada da ciência. Isto vale naturalmente também para o próprio conceito de “ciências do espírito” que eu utilizo aqui como conceito supremo, supostamente neutro. Ele começou paulatinamente a ser usado na Alemanha quando a “ciência do espírito” de Hegel perdeu na segunda metade do século XIX seu reconhecimento e prestígio. As ciências do espírito — vistas sob este ângulo — são pois como que transformação ou metamorfose da filosofia idealista do espírito. Como se sabe, o termo tornou-se popular especialmente por meio de Dilthey. Mas Dilthey nunca esteve satisfeito com o termo.⁽¹³⁾ Uma vez, ele riscou em um manuscrito a palavra “ciências do espírito” e a substituiu por ciências histórico-sociais. Os outros conceitos também são problemáticos. Quem, por exemplo, prefere dizer ciências humanas, precisa excluir expressamente a medicina.

Como se deixam encontrar argumentos para todas as três teses conhecidas sobre a origem das ciências do espírito, seria falso dar razão somente a uma delas. Elas experimentaram, evidentemente, uma mudança de forma e cada uma das fases produziu diferentes conceitos. Essas fases são aquelas três épocas: Antigüidade — Humanismo — Historismo (se é que eu devo resumí-las assim), épocas que determinam ainda nossa concepção de ciências do espírito e por isso são de grande interesse na atualidade.

Mas não parece, no fundo, tão evidente o porquê de se ver a mais antiga origem, o começo histórico das ciências do espírito só lá onde o saber é pela primeira vez sistematizado no Ocidente e onde havia uma ciência explícita do homem. Nem todos os historiadores da ciência procederam assim. Segundo Georg Sarton, por exemplo, o nascimento da filologia já tem lugar em 3.000 a. C. na Mesopotâmia,⁽¹⁴⁾ pois já existia lá o domínio da linguagem e da escrita. De modo semelhante afirma “Jürgen Kuczynski, do lado marxista, que as ciências sociais (estas são as ciências do espírito no contexto do marxismo) teriam começado já com a legislação formal uma vez que esta é um resultado da sistematização científica.”⁽¹⁵⁾

Toda história da ciência orienta-se justamente para um conceito de ciência. E como hoje não se deve apreendê-lo de modo muito estreito, então, eu proponho responder a questão da origem assim: as ciências do espírito começaram e começam por toda parte em que determinadas

13. «... comparada com todas as outras designações impróprias, entre as quais a escolha é feita, a designação ciências do espírito apresenta-se como a menos imprópria. Ainda assim, ela expressa de modo imperfeito o objeto desse estudo.» Seu objeto é a «realidade histórico-social». Dilthey: *Einleitung in die Geisteswissenschaften*, p. 5.

14. Georg Sarton: *A History of Science*. Cambridge 1959, S. 66 ss.

15. Jürgen Kuczynski: *Wissenschaft und Wirtschaft bis zur industriellen Revolution*. Berlin (Ost) 1970.

formas de ação e conduta mundanas de vida do homem tornam-se formalmente objeto do saber, dito filosoficamente: são "refletidas".

Não resta dúvida de que os homens só podem viver como homens quando eles, em primeiro lugar, conversam entre si, em segundo lugar, quando eles possuem regras de comportamento, em terceiro lugar, quando eles podem interpretar sua existência, e em relação com este último em 4º lugar, quando eles contam histórias. É preciso ficar claro que eu não falo de instintos antropológicos ou funções espirituais. Eu falo menos ainda que cada um desses domínios esteja separado, ou que só isso seja necessário para o homem. Mas eu quero dizer que os homens precisam, primeiro, de língua para se compreenderem, segundo, de regras de comportamento para se relacionar uns com os outros, terceiro, de interpretações de sua existência, já que eles precisam se relacionar consigo mesmos e, em relação com este terceiro ponto, em quarto lugar, precisam também de histórias através das quais sabem de seu passado.

As ciências do espírito nascem quando esses domínios tornam-se objeto do saber e por meio do saber são formalmente adquiridos e aperfeiçoados. Assim as antigas disciplinas: gramática, retórica e dialética, as posteriores filologias e ciências da linguagem baseiam-se na língua. A conduta prática articulada por regras é a base para a ética, economia, política, ciência do direito, pedagogia e para as ciências sociais em geral. A interpretação da existência contida no mito e na religião torna-se a base para a filosofia, teologia e poesia (esta última torna-se, por sua vez, objeto da filologia). A lembrança coletiva, que se articula primeiro na lenda, transforma-se em história, parte também em poesia.

As ciências do espírito fundamentam-se em algo que o homem não pode renunciar, caso ele tenha a intenção de continuar sendo homem. Aos conhecidos domínios acrescentam-se instituições nas quais as ciências do espírito se desenvolvem e exercem ação sobre a sociedade, isto é, sobre o agir e o pensar do homem. São academias, universidades, escolas, igrejas, museus, teatros, concertos etc. . . Em todos esses lugares transmite-se e aperfeiçoa-se, ou mesmo emprega-se o conhecimento das ciências do espírito.

Que serviços as ciências do espírito e suas instituições prestam para a sociedade moderna?

— As ciências do espírito tornam possível a comunicação entre diferentes culturas e povos assim como entre o presente e o passado. Sem as ciências do espírito, o mundo humano seria em grande parte estranho e incompreensível.

As ciências do espírito conservam, em meio a culturas de massa niveladoras, normas orientadoras e representações da vida boa e com isso também critérios para a crítica. Se a possibilidade de uma funda-

mentação racional das normas de ação é discutível, as ciências do espírito tornam, então, viável uma discussão e entendimento sobre essas normas e suas conseqüências.

— As ciências do espírito conservam e explicitam interpretações da existência que são desvalorizadas pelas modernas ciências da natureza e pelo mundo moderno do trabalho e do consumo, mas que são, não obstante, necessárias, uma vez que as ciências da natureza não nos propõem nenhuma visão do mundo plausível para nossa existência.

— As ciências do espírito, como ciências históricas, lembram-nos do nosso passado e nos dizem, então, quem somos. A consciência e a formação da identidade não são sem a memória possíveis, nem para o ser singular, nem para a sociedade ou para o gênero humano. Nós só sabemos quem somos se soubermos quem éramos. A civilização moderna tem consciência de si mesma graças somente às ciências do espírito e não graças às ciências naturais.

Como hoje não podemos nos permitir um conceito restrito de ciência, a origem histórica das ciências do espírito precisa ser retroajuda. E é por isso significativo dizer que a filologia começou na antiga Mesopotâmia. As ciências do espírito são, então, muito antigas. Mas elas não são de modo algum antiquadas. Pelo contrário, elas se tornaram na sociedade moderna industrial, especialmente, necessárias para que o homem também nessa sociedade possa ser verdadeiramente homem.

(Recebido para publicação em novembro
e liberado em 7-12-88).